

A FEMINIZAÇÃO DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE IMPERATRIZ: uma discussão panorâmica

Jónata Ferreira de Moura

Doutorando e Mestre em Educação pela Universidade São Francisco – Itatiba/SP. Licenciado em Matemática e Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

Professor do Curso de Pedagogia da UFMA/Campus de Imperatriz.

jonatamoura@hotmail.com

RESUMO

Baseado no paradigma de que a Educação Infantil é o universo onde o trabalho com crianças de 0 a 5 anos de idade é exercido, em sua maioria por mulheres, o presente artigo investigou quais elementos favorecem a feminização da docência na educação infantil da rede pública de Imperatriz/MA. Realizamos uma pesquisa empírica analítica e utilizamos como instrumento de produção de dados um questionário estruturado distribuído para 417 docentes da educação infantil da rede. Os resultados desta pesquisa revelam que o corpo docente que compõe as escolas da educação infantil de Imperatriz é majoritariamente feminino. Fenômeno que foi se constituindo a partir de critérios que ainda são reforçados pelas próprias professoras da rede e também pelos pais e mães das crianças. Os professores homens causam um estranhamento; a escola e as professoras dizem aceitar, mas na prática há rejeição.

Palavras-chave: Educação Infantil; Relações de Gênero; Feminização da Docência em Imperatriz/MA.

FEMINIZAÇÃO OF THE TEACHING IN THE INFANTILE EDUCATION OF THE MUNICIPAL NET OF TEACHING OF IMPERATRIZ: a panoramic discussion

ABSTRACT

Based on the paradigm that the Infantile Education is the universe where the work with children from 0 to 5 years of age is exercised, in his/her majority for women, the present article investigated which elements favor the feminização of the teaching in the infantile education of Imperatriz/MA public net. We accomplished an analytical empiric research and we used as instrument of production of data a structured questionnaire distributed for 417 educational of the infantile education of the net. The results of this research reveal that the faculty that you/they compose the schools of Imperatriz infantile education is for the most part feminine Phenomenon that was if constituting starting from criteria that are still reinforced by the own teachers of the net and also for the parents and the children's mothers. The teachers men cause an inconvenience; the school and the teachers say to accept, but in practice there is rejection.

Keywords: Infantile Education; Relationships of Gender; Feminization of the Teaching in Imperatriz/MA.

A feminização da docência na educação infantil da rede municipal de ensino de Imperatriz:
uma discussão panorâmica
Jónata Ferreira de Moura

**FEMINIZAÇÃO DE LA ENSEÑANZA EN LA EDUCACIÓN INFANTIL
DE LA RED MUNICIPAL DE LA ENSEÑANZA DE EMPERATRIZ:
una discusión panorámica**

RESUMEN

Basado sobre el paradigma de que el universo donde el trabajo con niños de 0 a 5 años de edad es ejercido, en su mayoría por las mujeres, este artículo investigó qué elementos favorece la preponderancia de las mujeres en la enseñanza en la educación infantil de la red pública de Imperatriz/MA. Logramos una investigación empírica analítica y usamos como instrumento de la producción de los datos un cuestionario estructurado distribuido por 417 maestros de la educación infantil de la red. Los resultados de esta investigación revelan que el cuerpo docente que componen las escuelas de la educación infantil de Imperatriz es más en parte femenino. El fenómeno eso que fuera se constituyendo empezando de los criterios que, todavía son reforzados por las profesoras de la red y también por los padres y las madres de los niños. Los profesores hombres causan un incómodo; la escuela y las profesoras ordenan aceptar, pero en la práctica hay rechazo.

Palabra-clave: Educación Infantil; Relaciones del Género; Feminização de la Enseñanza en Imperatriz/MA.

INTRODUÇÃO

A figura do profissional da docência da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental é caracterizada por mim, entre muitos aspectos, por alguém que tenha uma formação sólida, a qual se pautar na concepção de criança como sujeito histórico, social, cultural e biológico, e ainda, que possua conhecimentos sobre o desenvolvimento da criança e das disciplinas escolares.

Este profissional deve ser alguém polivalente, capaz de dar conta de todas as ações pertinentes ao atendimento do infante, da articulação dos conteúdos para desenvolvimento de projetos e que também saiba identificar as necessidades básicas dessa faixa etária. Desse modo podemos inferir: somente a mulher possui esse perfil?

Historicamente, a mulher teve o encargo, sozinha, de educar e cuidar dos filhos. Muitos estudos revelam que, com a entrada da mulher no mundo do trabalho associou-se a ela o papel de professora, visto que já o exercia no lar. Partindo desse prisma, o trabalho docente passou a ser exercido, com o estereótipo de “[...] missão feminina desde o período de consolidação como profissão até os dias atuais em que se constata flagrantemente a maioria de mulheres nesta função” (ZIBETTI, 2007, p. 23).

Baseado no paradigma de que a Educação Infantil é o universo onde o trabalho com crianças de zero a cinco anos de idade é exercido, em sua maioria por mulheres,

¹ Optamos por fazer a flexão de gênero utilizando @. Quando nos referirmos a um dos gêneros em específico não realizaremos a flexão.

**A feminização da docência na educação infantil da rede municipal de ensino de Imperatriz:
uma discussão panorâmica**
Jónata Ferreira de Moura

questionamos: quais elementos favorecem a feminização da docência na educação infantil da rede pública de Imperatriz/MA? Para isso, realizamos uma pesquisa empírica analítica e utilizamos como instrumento de produção de dados um questionário estruturado distribuído para @s 417 docentes da educação infantil da rede pública de Imperatriz/MA. Todas as informações foram analisadas respeitando @s informantes da pesquisa e à luz do referencial teórico.

O PERCURSO METODOLÓGICO

As pesquisas de Vianna (2002) e Louro (2003; 2010), que discutem as relações de gênero no espaço escolar, concordam em afirmar que gênero refere-se às diferenças socialmente construídas entre homens e mulheres, que são percebidas na separação sexual do trabalho e nas hierarquias de poder. Nesta perspectiva Pereira (1996 apud SANTOS; ALLAIN, 2009, p. 110) acrescenta que:

Analisar a profissão docente sob a perspectiva do gênero significa perceber as relações entre homens e mulheres como sendo social e culturalmente construídas. Isto significa que o ser e o estar no mundo como homem e mulher não é algo apenas natural e biologicamente determinado, mas, também, pertence à ordem do social e do cultural e, assim sendo, tais papéis se alteram no decorrer do processo histórico.

Essa alternância de papéis permite inserir a mulher em funções historicamente construídas como masculinas ou vice-versa, assim há de concordarmos que o alcance que as mulheres tiveram a altos postos é visível, nos permitindo dizer que a capacidade e competência não são exclusividades de um gênero. Neste contexto, há de convirmos que a feminização do magistério foi se construindo historicamente, e não naturalmente.

Sobre este cenário, realizamos uma pesquisa empírica entre os anos de 2011 a 2012 na rede municipal de educação infantil de Imperatriz/MA, amparada no Grupo de Pesquisa Diálogos e Interseções em Sexualidade – DINTERSEX². Para tal pesquisa utilizamos questionário estruturado.

A princípio, para realização do estudo, necessitávamos de informações básicas que somente a Secretaria Municipal de Educação de Imperatriz (SEMED) poderia disponibilizar. Assim, os dados obtidos na SEMED serviram de suporte para conhecer o

² Criado em 2011, o grupo de pesquisa Diálogos e Interseções em Sexualidade (DINTERSEX) está situado no Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia da Universidade Federal do Maranhão, é liderado pelo prof. Jonas Alves da Silva Junior e tem como objetivo amplo promover estudos e pesquisas sobre a sexualidade humana, enfatizando o dialogismo e interseções deste tema entre as diversas áreas do conhecimento, ao considerar os aspectos educativos, sociais, históricos e culturais desta temática.

**A feminização da docência na educação infantil da rede municipal de ensino de Imperatriz:
uma discussão panorâmica**
Jônata Ferreira de Moura

número de pré-escolas e creches, total de professores/as, de auxiliares de magistério e seus respectivos salários, visto que estes dados são essenciais para uma compreensão exploratória acerca d@s profissionais que atuam na educação infantil em Imperatriz.

Tabela 1 – Levantamento sobre a educação infantil no município de Imperatriz/MA

Número de Instituições	Creches	33
	Pré-escolas	95
Número de Docentes	Homens	2
	Mulheres	415
Número de Auxiliares	Homens	14
	Mulheres	185
Salário	Efetiv@s	1.045,00
	Contratad@s	857,00

Fonte: Dados da Secretaria Municipal de Educação/SEMED, 2012.

Diante do exposto, destacamos a considerável predominância feminina na docência de profissionais da educação infantil, enquanto a presença masculina é quase imperceptível. Quanto aos auxiliares de magistério, temos também um número considerável de mulheres 93% e apenas 7% de homens. Dessa maneira, entendemos que é necessário saber e discutir os elementos que contribuíram para a constituição do quadro acima, assim, trabalhamos com o universo dos 417 professores/as da educação infantil, desse total tivemos uma amostra de 200 professoras, visto que somente esse número devolveu o questionário preenchido.

Os dados disponibilizados em 2012 confirmam uma maciça presença feminina na docência naquela cidade. Vários fatores podem revelar este fenômeno, por isso, com vista a chegarmos ao ponto central deste estudo investigamos quais elementos favorecem a feminização da docência na educação infantil na rede municipal de ensino de Imperatriz/MA.

UM TERRITÓRIO MARCADO: a educação infantil como espaço feminino de docência

As lutas travadas por mulheres para sua inserção nos mais variados espaços de trabalho não foram concebidas a princípio com bons olhos, contudo, não foi motivo para desistência de seus ideais. Elas não se contentaram com as imposições e mesmo com o

**A feminização da docência na educação infantil da rede municipal de ensino de Imperatriz:
uma discussão panorâmica**
Jônata Ferreira de Moura

destino designado a cada uma, por muitos; elas encontraram na docência a oportunidade de fazer parte do mundo do trabalho fora do lar.

Ao nos debruçarmos nas leituras da história das mulheres, pudemos perceber grandes avanços realizados no que diz respeito a sua participação efetiva na sociedade. As conquistas na esfera do trabalho revelam bem este fenômeno. A docência, que por muito tempo era uma atividade eminentemente masculina, foi se tornando uma função exercida pelas mulheres.

Com o capitalismo industrial iniciado no séc. XVIII altera-se radicalmente o perfil das famílias. Aumenta-se cada vez a necessidade de mão-de-obra para o mercado de trabalho. Refaz-se a hierarquia das profissões, agregando-se valor naquelas mais condizentes com as novas exigências do mundo industrializado. Nesse contexto, o magistério sofre abalos significativos. Deixa de ter o prestígio de outrora e, de forma visível, vai mudando paulatinamente, de sexo. As mulheres vão substituindo os homens na “nobre” missão de educar. Não é, entretanto, uma mudança puramente biológica. Ela se inscreve no campo do simbólico. Na realidade o que muda é o gênero do magistério e não o sexo, de uma ação eminentemente masculina para uma atividade feminina (CHAMON, 2005, p. 11, grifos do original).

Outro destaque de Chamon (2005), diz respeito às insuficientes condições de trabalho e de salários, que têm sua origem no descaso do Estado para com o ensino público. Isso foi cada vez mais afastando os professores da escola elementar e trazendo mulheres para ocupar os postos de docência deixados pelos homens; assim as mulheres passaram a ser convocadas pelo Estado a serem professoras.

No Brasil, essa ocupação é muito bem demarcada. Suspeitamos que, dependendo do nível de ocupação escolar, essa demarcação dá *status* social para alguns e pode desqualificar outros. Veremos abaixo duas situações brasileiras que nos levam a ter essa suspeita.

A primeira é a pesquisa lançada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação “Retrato da escola”, na qual constam informações sobre o perfil d@ trabalhador/a em educação. O número lançado em 2002 nos dá uma boa perspectiva de reconhecimento d@ profissional da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. A pesquisa destaca que:

A maioria dos educadores é mulher. Está entre 25 e 59 anos, com predominância da faixa entre 40 a 59 anos. É casada ou tem companheiro. Vive em casa própria perto do centro da cidade. Segue uma religião. É sindicalizada. É simpatizante de algum partido político, mas não é filiada. Envolve-se pouco com movimentos sociais. Tem habilitação adequada ao cargo ou função que exerce. Trabalha na rede estadual. Já tem de 12 a 18 anos de serviço. Trabalha, em média, oito horas semanais, em casa. Dedicar de 11 a 20 horas semanais a trabalhos extras. Ocupa-se sozinha das tarefas domésticas. Cultiva o hábito da

**A feminização da docência na educação infantil da rede municipal de ensino de Imperatriz:
uma discussão panorâmica**
Jônata Ferreira de Moura

leitura, mas quase não vai ao teatro ou ao cinema. Não tem computador, quando tem, usa para fins profissionais, o acesso à internet ainda é muito restrito e igualmente limitado a fins profissionais (RETRATO DA ESCOLA 3, 2002, p. 3).

A segunda pesquisa é do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), “o perfil predominantemente feminino dos profissionais vai se modificando à medida que se caminha da educação infantil para o ensino médio e para a educação profissional” (INEP, 2009, p. 21). Observemos o gráfico abaixo:

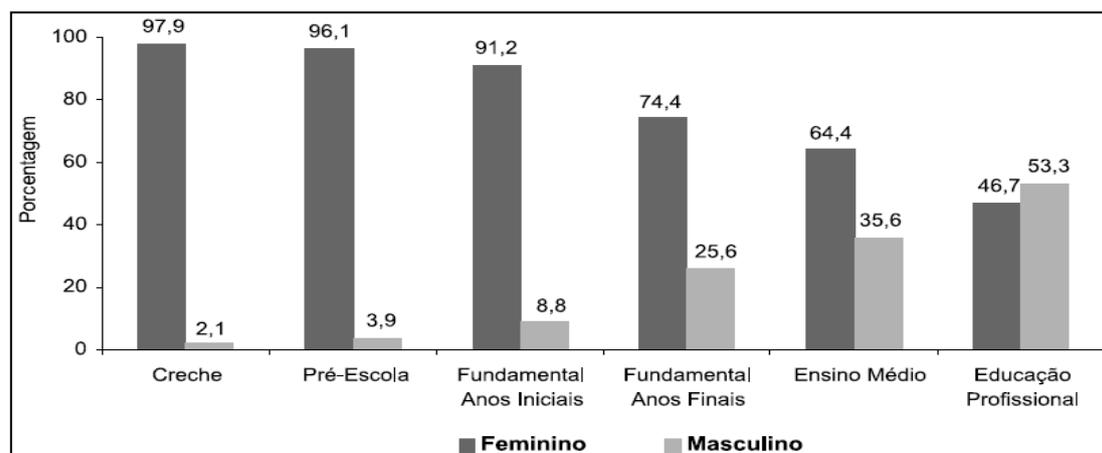


Figura 1 – Gráfico sobre professores/as das etapas da educação básica segundo o sexo – Brasil/2007.
Fonte: MEC/INEP/DEED.

Com base na pesquisa do INEP é notável a opção dos homens por níveis, ditos, mais elevados de ensino, nos permitindo dizer que nas creches e pré-escolas o professorado é majoritariamente feminino. A grande parte dos homens, como mostra o gráfico acima, opta por atuar nos anos mais elevados por concordar que as mulheres são mais adequadas para a educação infantil, enquanto eles são ajustados aos níveis, denominados, como mais elevados por serem considerados mais disciplinadores e controladores. Não podemos dizer que há um perfil de professor/a, que somente as mulheres são mais humanas, sensíveis, competentes para atuar na primeira etapa da educação básica, na verdade esta visão foi historicamente construída, assim como muitos estudos³ já discutiram.

É visível o crescente número de homens a partir dos anos finais do ensino fundamental, por isso imaginamos que fatores como o salário, *status* e valorização influenciam na escolha profissional, inclusive no município de Imperatriz. Visto que os homens ainda assumem postos considerados de maior prestígio e recebem salários mais

³ Sobre a temática ilustramos com alguns estudos: Rodrigues (1998); Abreu (2003); Sayão (2005); Vitelli (2008); Ferreira (2008); Rabelo (2008).

**A feminização da docência na educação infantil da rede municipal de ensino de Imperatriz:
uma discussão panorâmica**
Jônata Ferreira de Moura

elevados; atualmente as mulheres estão se aproximando dos níveis mais elevados de ensino ou mesmo tentando superar os mitos que cercam o feminino, como ver a mulher somente na educação infantil pelos atributos inatos que por ventura pode ter.

Por isso, para entender quais são os motivos que levaram ao maciço ingresso feminino na educação infantil na cidade, expomos uma pesquisa que traz alguns elementos que podem ajudar na identificação desses fatores. Para tanto, tomamos por base algumas categorias gerais para depois analisarmos os elementos que, pensamos contribuir para a feminização da docência na educação infantil pública em Imperatriz/MA.

Reitero que nossa amostra, inicialmente poderia ser constituída tanto por professores como por professoras (417), entretanto ao recebermos os questionários (200 retornaram preenchidos) constatamos que só professoras preencheram-no. Dessa feita, têm-se informações reveladas por 200 professoras acerca da feminização docente na educação infantil da rede pública de Imperatriz/MA.

De maneira geral, percebemos na amostra um índice de 67% de casadas e 33% solteiras. Notamos que 54% das docentes estão com idade inferior a 40 anos, outras 46% com idade superior a 40 anos. Referindo-nos à formação acadêmica, os dados revelam que 94% possuem formação específica determinada por lei, ou seja, licenciatura em Pedagogia; destas, 21% possuem curso de especialização. Também temos outras 6% com outras licenciaturas; destas, 2% são especialistas.

Notamos ainda que a formação acadêmica das entrevistadas se deu recentemente: 69% com até cinco anos de formação, e 31% com mais de seis. Por conseguinte, outro dado importante e necessário diz respeito ao tempo de trabalho na instituição de ensino: 43% das professoras atuam entre três a cinco anos na mesma instituição, outras 32% estão entre um a dois anos, e ainda um considerável percentual de 25% mais de cinco anos, ou seja, a maioria trabalha na mesma instituição há um bom tempo.

Diante das informações vistas até agora, o gráfico a seguir evidência um elemento que tange a razão pela qual as professoras optaram pela docência na educação infantil. Das possibilidades, 71% optaram a educação infantil por gostarem de trabalhar com crianças; sobre este critério, Rabelo e Martins (2006, p. 8), esclarecem que:

A mulher não deve deixar de ter amor pela profissão, porém um amor que não seja “cego”, quer dizer, que não a impeça de ver as imposições sociais para que ela se submeta, que não lute. Investir na educação é lutar pelo possível, pela mudança dessa educação que cada vez mais quer cada um no seu “devido lugar”, estagnado e obediente (destaques do original).

**A feminização da docência na educação infantil da rede municipal de ensino de Imperatriz:
uma discussão panorâmica**
Jônata Ferreira de Moura

Embora gostar de crianças seja um critério de realização pessoal usado pelas professoras para a escolha da docência na educação infantil, ao passo que se coloca como sendo prazerosa e ao mesmo tempo exigente, não é suficiente para o exercício da docência. Aos profissionais que lidam com a infância, o trabalho docente exige seriedade, preparo científico, físico, emocional e afetivo (FREIRE, 1997); requisitos como saber planejar aulas, saber estimular os alunos, compreender cada fase do desenvolvimento infantil, enfim, saberes que a formação escolar, acadêmica e permanente podem possibilitar.

Segundo a amostra, os dados ainda apresentam uma quantidade significativa de 21% de professoras que optaram pela vocação, como sendo uma das razões pela escolha da docência na educação infantil.

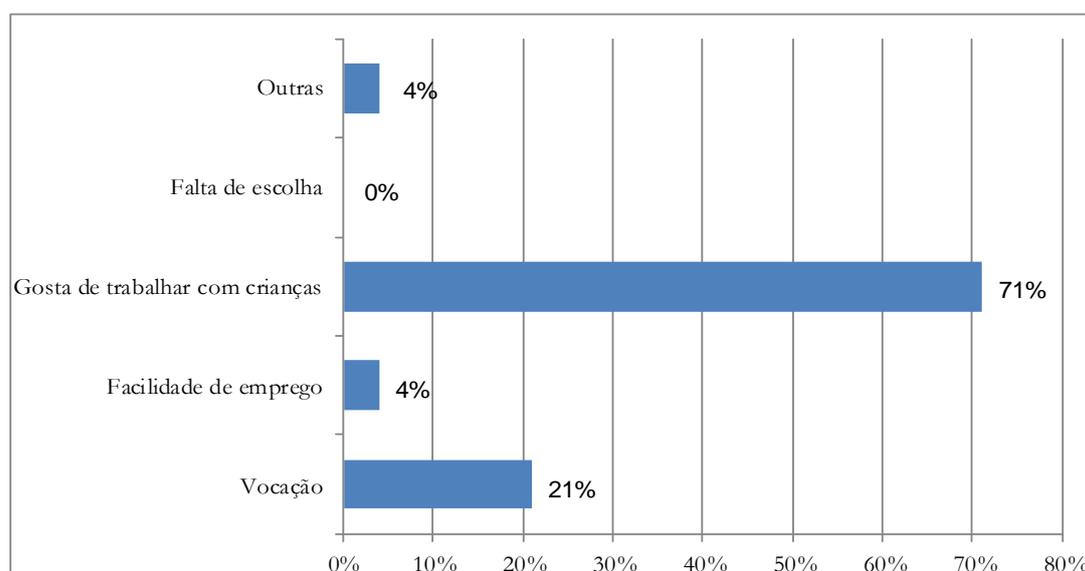


Figura 2 – Gráfico sobre a razão pela qual optou ser docente na educação infantil.
Fonte: Escolas municipais de Imperatriz, 2012.

Podemos notar que o estereótipo vocação, resquício de séculos atrás em que a docência era colocada para a mulher como missão, dom natural, ligação com o amor materno ainda persiste no discurso de muitas docentes. As representações acerca do trabalho docente enquanto função feminina continua profundamente na visão das professoras, por isso Costa (1995 apud ZIBETTI, 2007, p. 5) argumenta que:

A representação da docência como "vocação" já foi largamente utilizada, afetando as exigências que são feitas às mulheres - o grande contingente supostamente vocacionado que se dedica ao ensino -, e não é recomendável que continuemos a incrementá-la nos meios educacionais. A manipulação da retórica de professoras como "eleitas", "escolhidas", agentes perfeitas em um trabalho marcado pela "doação", já causou demasiados danos às docentes e à educação escolar. Precisamos agora é de estratégias que valorizem as características que as

**A feminização da docência na educação infantil da rede municipal de ensino de Imperatriz:
uma discussão panorâmica**
Jónata Ferreira de Moura

mulheres incorporam ao ensino por sua repercussão positiva no trabalho com as/os estudantes e não pelo que elas significam como predisposição à exploração e ao controle (destaques do original).

A vocação, identificada como componente da escolha profissional na educação infantil na nossa pesquisa, também foi tratada por Valle (2002). A autora, ao analisar a transformação de uma “identidade vocacional”, herdada das Escolas Normais, para uma “identidade profissional”, vislumbrada, tanto pelas esferas administrativas dos sistemas de ensino quanto pelas esferas representativas da educação, buscou verificar se houve rupturas ou continuidades na identidade social d@s professores/as da educação básica brasileira e se elas favoreceram a unificação do corpo docente.

Marcadas desde sua origem por uma formação destinada às mulheres, as Escolas Normais associam a atividade de ensinar a uma concepção de dom e de vocação tipicamente feminina e, em consequência, engendram uma relação fortemente missionária com o magistério. Os fundamentos deste tipo de relação estão associados a uma orientação religiosa, de predominância católica. Estas Escolas constroem um perfil de professor baseado em virtudes espirituais e morais, e estimulam uma prática pedagógica pautada em valores humanistas e cívicos. Tais virtudes e valores definem simbolicamente – e concretamente – a chamada “tradição normalista”, que se reflete na legislação educacional, nos planos de educação e nas ações promovidas pelas esferas administrativas dos sistemas de ensino (VALLE, 2002, p. 211-212, destaque do original).

Neste sentido, desmistificar esta concepção sobre vocação e dom é mais que necessária, pois a docência, bem como outras carreiras, “[...] pressupõe esforço pessoal e formação que possibilitem o domínio de aspectos teóricos e práticos ligados à aprendizagem” (FERNANDES, 2011, p. 38). Por isso a docência na educação infantil não pode ser uma escolha por vocação, porque sendo vocação não necessita de formação; pode ainda reforçar “[...] os estereótipos sociais sobre as relações de gênero e de classe e o caráter missionário do trabalho feminino na esfera pública” (CHAMON, 2005, p. 148).

Quanto às opções referentes às características necessárias ao desempenho da docência na educação infantil, obtivemos uma amostra que reforça estatisticamente que o ensino neste segmento está pautado unicamente na afetividade, em que o amor e a dedicação se destacam como sendo primordiais para esta etapa da educação básica; acompanhada da característica atribuída às mulheres - saber lidar com crianças, “ter jeito”. Entretanto, há outras qualidades que são emergenciais e de fundamental importância para a docência em turmas de educação infantil. Desse modo, vendo os números abaixo nos preocupamos.

**A feminização da docência na educação infantil da rede municipal de ensino de Imperatriz:
uma discussão panorâmica**
Jônata Ferreira de Moura

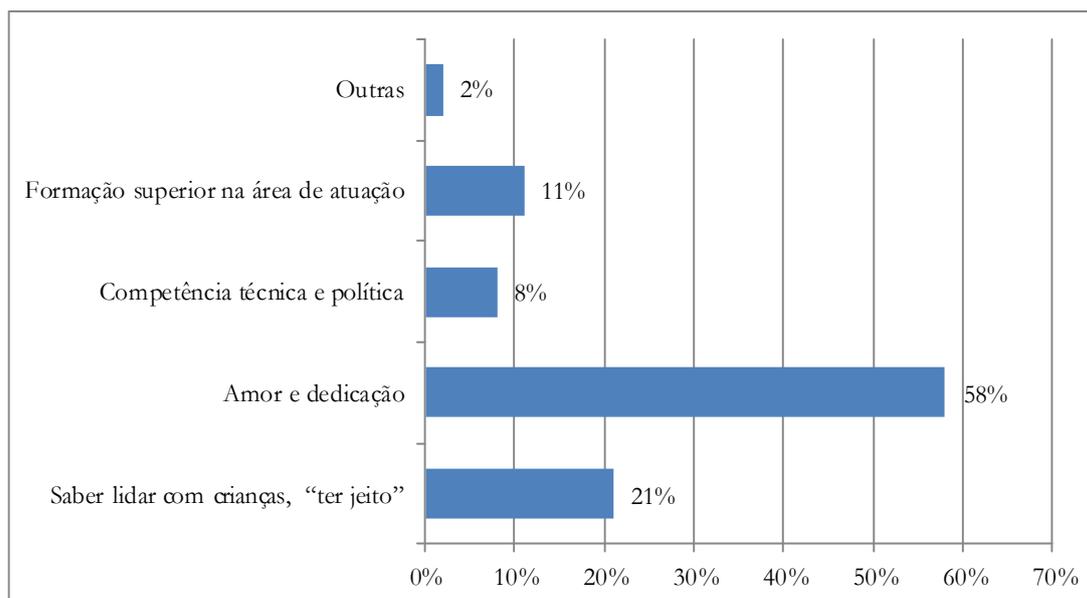


Figura 3 – Gráfico sobre as características necessárias para a docência na educação infantil.
Fonte: Escolas Municipais de Imperatriz, 2012.

Temos um total de 58% das professoras que elegeram o amor e a dedicação como características fundamentais para o exercício da docência na educação infantil, enquanto 21% concordaram que saber lidar com crianças/“ter jeito” também faz grande diferença. Entendemos que, “não é possível ser professor[a] sem amar os alunos – mesmo que amar, só, não baste – e sem gostar do que se faz” (FREIRE, 1997, p. 18), mas não podemos ficar só no amor, pois as competências técnica e política são importantes. Será que enfatizar o amor, saber lidar com crianças não deixaria brechas para a proletarização como ingerência da administração do Estado sobre o trabalho d@s professores/as enquanto categoria ocupacional, como nos alerta Costa (1995)?

A visão das professoras vai ao encontro das análises de Valle (2002). Para a autora, sua pesquisa mostra que 87% das professoras que atuavam na educação básica e catarinense em 1997, fazem reviver certos estereótipos sexuais e um forte sentimento altruísta em relação à atividade docente. Sobre isto, fortalecida em Baudelot e Establet, ela assevera:

Baudelot e Establet (1992) associam esses estereótipos a certas características atribuídas à personalidade feminina: sociabilidade, sensibilidade, autocontrole, afetividade, vulnerabilidade, mas também à relação com a autoridade (discrição, timidez, obediência, meiguice) e com a própria atividade profissional (falta de ambição, resignação com um *status* menos prestigioso e satisfação diante de carreiras mais descontínuas) (VALLE, 2012, p. 213, destaque no original).

Continuando a discussão, a autora esclarece:

**A feminização da docência na educação infantil da rede municipal de ensino de Imperatriz:
uma discussão panorâmica**
Jônata Ferreira de Moura

Visando construir uma “identidade vocacional”, as Escolas Normais difundem uma ordem simbólica fundada no respeito à tradição e criam um sistema de normas e um conjunto de papéis sexuais justificados moralmente. Enquanto a identidade masculina se define em torno do trabalho produtivo e da luta por reconhecimento social, a identidade feminina – ainda que a mulher deva trabalhar – se define pelo reconhecimento doméstico.

Observa-se, portanto que as atividades profissionais reservadas às mulheres continuam fundamentalmente relacionadas à esfera doméstica, conferindo-lhes uma posição social subalterna que as afasta da esfera pública, e afirmam uma *identidade negativa* que as transforma em grupo distinto circunscrito à vida familiar (VALLE, 2002, p. 213, destaque no original).

Os destaques no gráfico seguinte mostram bem que a análise de Valle pode se estender à nossa pesquisa, uma vez que a indisposição de homens assumirem a docência em turmas de educação infantil em Imperatriz pode estar relacionada à identidade negativa analisada pela autora. Nossa amostra revela que mais da metade das professoras (58%) acredita que os homens veem a profissão como feminina, por isso afastam-se deste segmento, outras 13% dizem que a profissão não favorece o *status* esperado, não apresenta o prestígio que os outros níveis de ensino ou área administrativa possibilitam, por isso os homens a rejeitam.

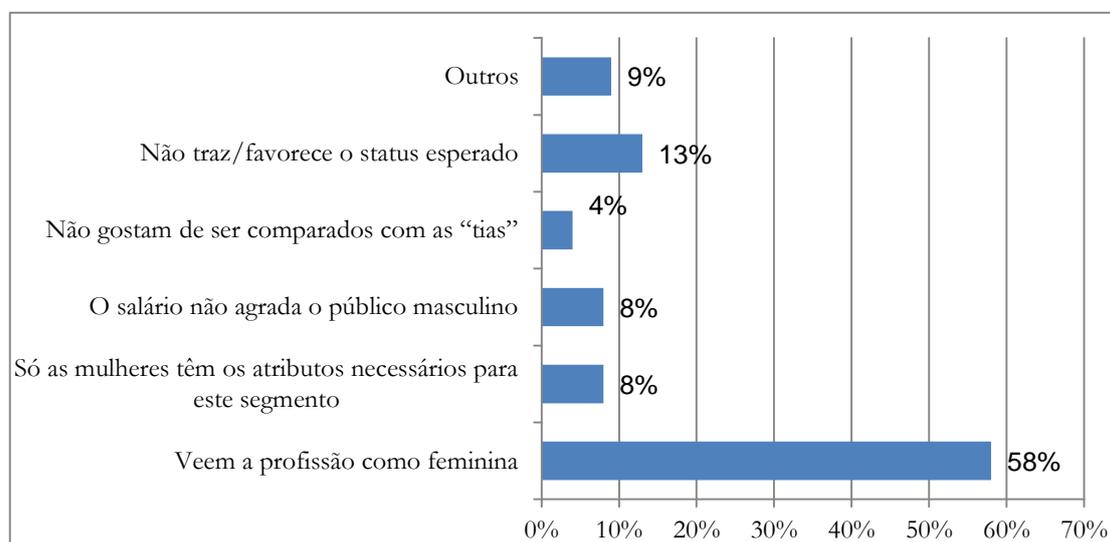


Figura 4 – Gráfico sobre os motivos que levam homens a se afastarem da docência na educação infantil.
Fonte: Escolas municipais de Imperatriz, 2012.

Como bem revela o gráfico acima e a tabela 1, não é só pelo salário que os homens não procuram a docência na educação infantil, a ideia de que lidar com crianças é serviço de mulher ainda persiste, “[...] em casa e na escola. É assim que pensam, na nossa sociedade, não só os homens, mas, o que é pior, as próprias mulheres [...]” (NOVAES, 1995, p. 96). O discurso de que o homem não seria um bom professor para a educação

**A feminização da docência na educação infantil da rede municipal de ensino de Imperatriz:
uma discussão panorâmica**
Jônata Ferreira de Moura

infantil faz parte do preconceito socialmente construído há séculos; o homem “[...] não possui os requisitos ‘natos’ da mulher – a meiguice, o carinho com as crianças, a paciência e o amor” (NOVAES, 1995, p. 103). Percebemos porque a docência na educação infantil, como mostram os dados, é nada atraente para os homens, devido ser uma profissão socialmente definida como feminina. A veracidade deste fato é visível na tabela 1 quando observamos que em Imperatriz apenas 0,48%, corresponde a professores que estão efetivamente ministrando aulas na educação infantil.

Quanto à comparação da professora com a imagem da tia, tentamos identificar se há consequências. Levando em consideração que a profissão docente não é um simples cumprimento de tarefas, mas pelo contrário, permite um contato direto dia a dia, por isso é inevitável que não se estabeleça proximidade com @s alun@s.

Dessa feita, 79% das informantes disseram que ao comparar a professora com a figura da tia, @s alun@s se aproximam delas, outros 7% disseram que isso facilita o trabalho em sala de aula. Contudo, Freire (1997, p. 9) afirma que “[...] ser professora implica assumir uma profissão enquanto não se é tia por profissão [...]”, ou seja, as responsabilidades de tia e professora são distintas, enquanto uma é a profissional munida de formação, habilidades e competências para o exercício da docência; a outra é uma parenta da família e como tal não tem responsabilidades, em muitos casos, com a função eminentemente escolar.

Assim como Freire, há um número, mesmo que inexpressível, de 4% de professoras que acreditam na desvalorização da profissão quando se associa a figura da professora com a figura da tia. Para essas 4%, esta associação pode transformar a professora, no imaginário d@s crianças, como alguém muito bondosa que aceita toda e qualquer atitude que ela possa fazer, sem corrigir e/ou disciplinar.

Novaes (1995) nos ajuda a entender melhor essa associação que tanto nos preocupa e também aos 4% de professoras desta pesquisa. Para ele, ao se comparar @ professor/a com @ ti@ a criança adota uma postura regressiva, deixando de reconhecê-l@ em sua individualidade como profissional e pode passar a querer vê-l@ como aquel@ de quem não pode exigir compromisso com a aprendizagem.

**A feminização da docência na educação infantil da rede municipal de ensino de Imperatriz:
uma discussão panorâmica**
Jônata Ferreira de Moura

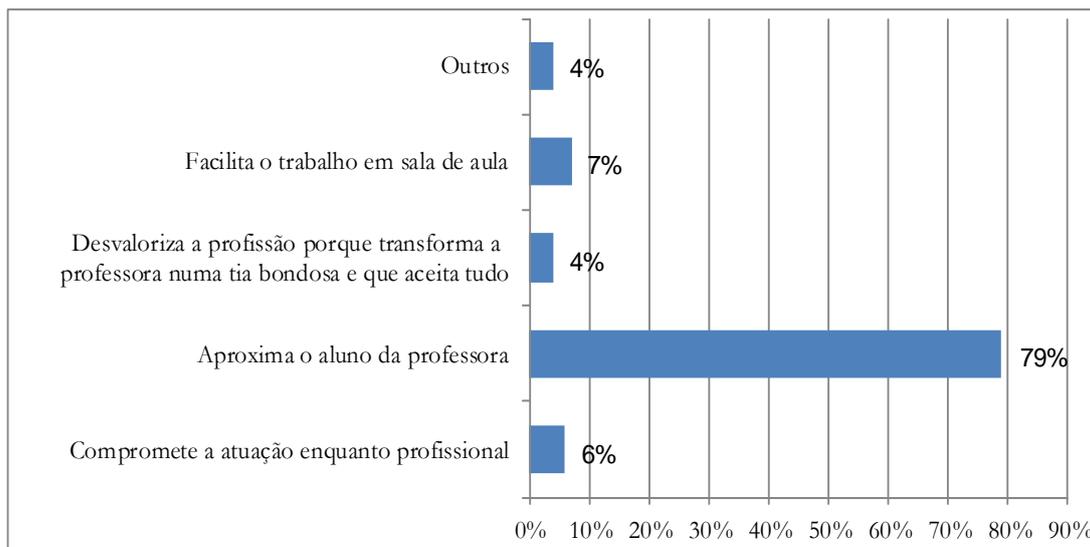


Figura 5 – Gráfico sobre as consequências da comparação da professora com a figura da Tia
Fonte: Escolas Municipais de Imperatriz, 2012.

Alguns/mas educadores/as permitem tal tratamento (tias/tios), acreditando ser de caráter prático, principalmente na educação infantil; outros evidenciam o discurso de que professor/a não faz parte da família d@ alun@, por isso corrigem as falas das crianças. De todo modo, entendemos que adotar @ professor/a como um/a parente/a posiç@ das crianças cria uma visão “[...] distorcida da tarefa profissional da professora” (FREIRE, 1997, p. 9).

Atualmente em muitas escolas @s professores/as não permitem o tratamento de ti@. Compreendem que o respeito à/ao profissional se constrói desde cedo e nada melhor do que ensinar as crianças a chamá-l@ pelo nome professor/a desde a pré-escola, desvinculando o grau de parentesco criado a partir da representação socialmente construída de ti@ - professor/a.

Outra categoria que destacamos na pesquisa foi a conduta da família frente à figura masculina na docência em salas de aula da educação infantil. De acordo com os dados do gráfico abaixo, 46% das professoras acreditam que os pais aceitam, pois pensam que os homens que são professores na educação infantil são capazes de exercer sua profissão; outras (somando as demais opções) 54% disseram que homens causam um estranhamento, rejeição, os pais e mães pedem para trocar de profissional ou desconfiam de sua identidade sexual.

Quais os motivos que levam a esses pensamentos: estranhamento, rejeição, pedir para trocar de profissional ou desconfiar de sua identidade sexual? Seria desconfiança da competência profissional ou reafirmação de lugares construídos socialmente? Haveria, por parte da família, medo dos homens abusarem sexualmente das crianças ou, como diz

A feminização da docência na educação infantil da rede municipal de ensino de Imperatriz: uma discussão panorâmica
Jônata Ferreira de Moura

Fávero (2010), é a imagem de violadores, deturpadores que é dispensada aos homens por séculos e séculos?

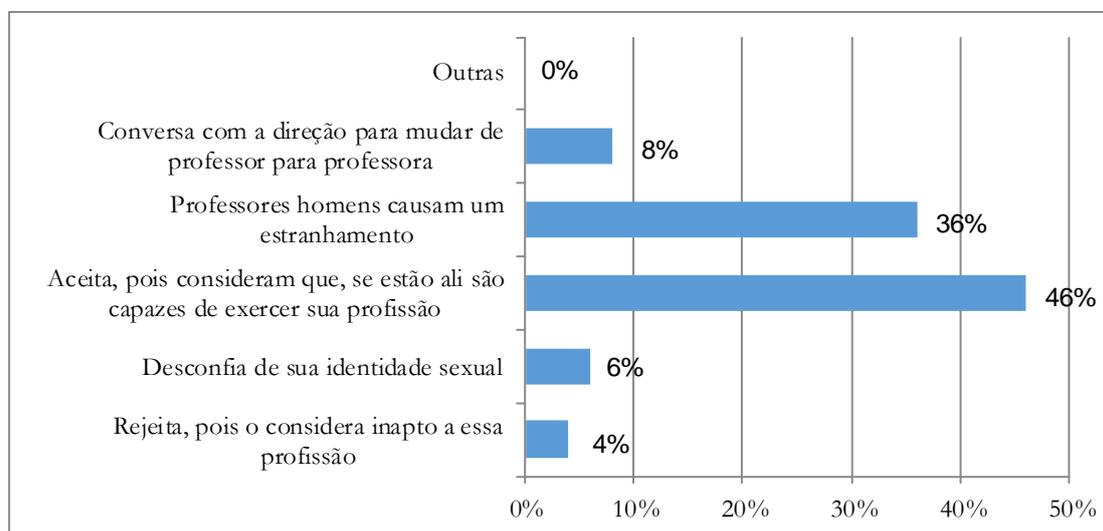


Figura 6 – Gráfico sobre a conduta da família diante de professores homens na educação infantil.
 Fonte: Escolas Municipais de Imperatriz, 2012.

É fato que por muito tempo, a sociedade ocidental se organiza em um sistema de patriarcado, que é excludente e que suprime os direitos, os anseios, o agir por si só, das mulheres, legalizando as atitudes, os desejos e as ações machistas dos homens. Mostrando claramente uma grande dicotomia nas relações de gênero:

A dicotomia entre o mundo público e o privado, a fragmentação entre mente e corpo, razão e sentimento, cultura e natureza levaram a um reducionismo em que alguns atributos passaram a ser características masculinas e outros, femininas. Aos homens couberam a cultura, a política, a religião instituída, o discurso. Às mulheres couberam a natureza, o mundo doméstico, a religião praticada no cotidiano, o silêncio (DEIFELT, 2002, p. 261).

Nesta perspectiva, sabemos que o cuidado e a educação das crianças sempre estiveram sob a responsabilidade da figura feminina associada principalmente à maternagem. Este “cuidado transita entre o familiar e o escolar articulando as diferentes esferas, ainda que sempre dentro de uma matriz que atribui o cuidado infantil e a maternidade como inatos às mulheres” (SOUZA, 2002, p. 380). Entretanto, este quadro passa por mudança à medida que a sociedade percebe que a experiência de convívio com ambos os sexos é muito educativo para as crianças, assim, a desconstrução do pensamento que somente as mulheres devem ou podem atuar na educação infantil é uma barreira a ser quebrada, visto que há muitas famílias que não aceitam um homem como docente de seu/sua filh@.

**A feminização da docência na educação infantil da rede municipal de ensino de Imperatriz:
uma discussão panorâmica**
Jônata Ferreira de Moura

Entretanto, as formas de rejeição à figura masculina na educação de crianças pequenas são inúmeras: “homem com criança pequena é uma combinação perigosa, não consigo aceitar um homem lidando diretamente com crianças pequenas, o homem está predestinado a tarefas e trabalhos mais pesados” (RAMOS, 2012, p. 40-41). Supomos ainda que o não consentimento da figura masculina nas salas de educação infantil pode ocorrer pelo medo de casos de pedofilia, contudo, episódios de abuso podem ser praticados tanto por homens quanto por mulheres.

Em contrapartida, segundo Ramos (2012), a visão de estranhamento da figura masculina nas escolas vem tomando uma forma diferente a partir do trabalho competente e positivo que muitos destes homens vêm desenvolvendo nas escolas que atuam, alguns pais afirmam que o tempo não é mais o mesmo e agora estão aceitando bem melhor a presença masculina nas salas de educação infantil.

No que se refere à conduta da escola diante de professores homens na educação infantil, ressaltamos que lugar melhor para as desconstruções não há, já que nela as situações de conflitos são diárias e para superá-los é preciso aprendizagem, companheirismo, profissionalismo; mesmo que a escola, desde seu início, tenha desempenhado um papel separador. Ser considerada como um local de atuação feminina não significa dizer que os homens não tenham vez, é preciso aprender a “[...] conviver com professor homem, com professora mulher. Quando a escola conseguir viver com essas diferenças e aceitar a entrada de mais professores homens, isso vai contribuir para que a criança aprenda a dividir tarefas entre sexos” (RAMOS, 2012, p. 39).

Acreditamos que o convívio das crianças com professores de ambos os sexos é necessário para quebrar preconceitos, desmistificar ideias. A inteligência e competência são atribuições humanas, portanto homem e mulher são capazes de exercer as mais variadas tarefas seja no âmbito escolar ou não.

Tendo por base a escola como lugar de possibilidades e de desconstrução de preconceitos, procuramos saber qual a conduta da escola diante de professores homens na educação infantil. Obtivemos 37% defendendo a adesão da escola quanto à entrada de homens na docência da educação infantil e dizendo tentar desconstruir qualquer tentativa de rejeição por parte de outras pessoas (pais, mães, professoras e outros). Mesmo que teoricamente, entendemos que é um avanço significativo. Em contrapartida, a soma das outras opções dá 53%, revelando que ainda prevalece a desconfiança: a escola diz aceitar, mas não se sente bem com este profissional, demonstrando de forma mascarada o preconceito enraizado na comunidade escolar. Assim percebemos que “a entrada e

**A feminização da docência na educação infantil da rede municipal de ensino de Imperatriz:
uma discussão panorâmica**
Jônata Ferreira de Moura

permanência destes professores neste segmento acabam por trazer à tona comportamentos, atitudes e vigilâncias de mentes e corpos” (FONSECA, 2011, p. 49).

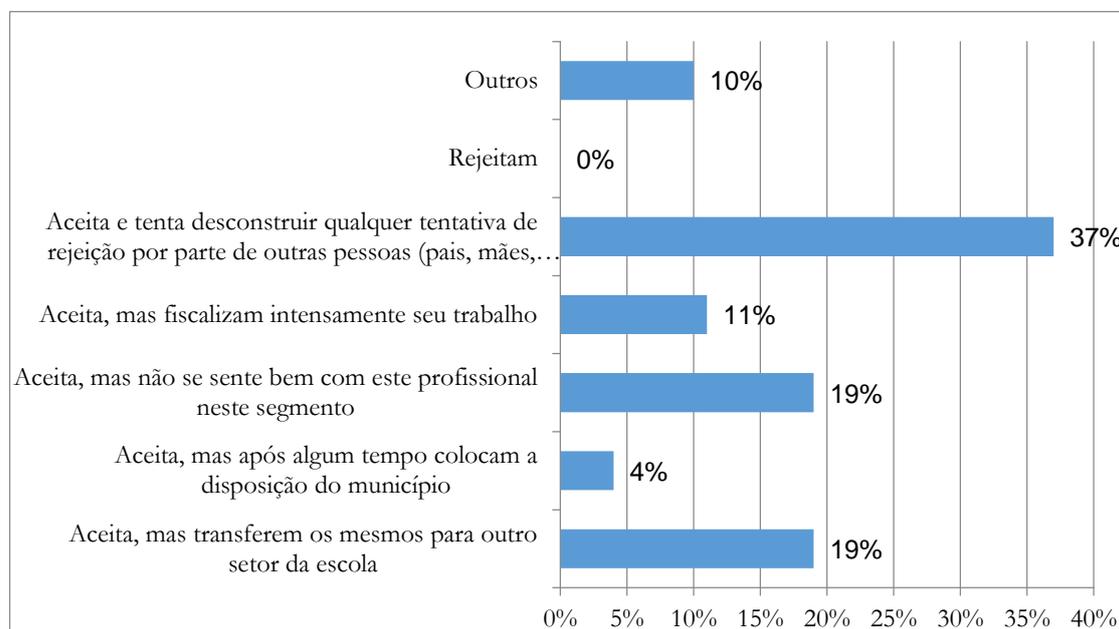


Figura 7 – Gráfico sobre a conduta da escola diante de professores homens na educação infantil.
Fonte: Escolas Municipais de Imperatriz, 2012.

Mesmo quando a escola aceita professores homens na educação infantil estes têm que superar as normas de comportamento, a existência de um modelo a ser seguido e qualquer conduta diferente tende a provocar insatisfação, colocando em dúvida a forma como acontece o ensino.

Então como aceitar alguém que, supostamente, elas revelam não possuir as características “certas” para exercer a função? No gráfico 3 fica clara essa rejeição quando as professoras afirmam que o amor e a dedicação são características fundamentais para o exercício da docência na educação infantil (58%), e 21% concordaram que saber lidar com crianças/“ter jeito” também faz grande diferença; enquanto que 8% defendem a competência técnica e política. Será que ter competência técnica e política afasta o amor e a dedicação ao trabalho com as crianças? Fica claro como é complexa a relação de gênero na docência em classes infantis e como ela clama para ser desvelada.

Outro aspecto que destacamos é a prática escolar na educação infantil. As professoras mostraram quais as diferenças do professor para a professora na educação infantil. Mesmo sabendo que há diferenças entre os sexos e que elas servem para distingui-los, não podemos aceitar que homens, ao se apoiarem no discurso de superioridade, costumem se colocar em posição hierarquicamente mais vantajosa que as mulheres, se

**A feminização da docência na educação infantil da rede municipal de ensino de Imperatriz:
uma discussão panorâmica**
Jónata Ferreira de Moura

considerem até melhores em suas práticas, afirmem que são mais autossuficientes, ousados, objetivos, determinados e menos formatados ao sistema escolar; enquanto que as professoras são afetivas, detalhistas e menos objetivas (CARDOSO, 2007).

Os dados do gráfico 8 nos mostram um grande avanço e ao mesmo tempo contradições. Ora, se ambos desempenham sua função de forma satisfatória, como dizem 52% das entrevistadas, por qual motivo a escola vigia a prática docente de professores homens, como mostra o gráfico anterior? Por qual razão 54% das professoras, como mostra o gráfico 6, disseram que homens causam um estranhamento, os pais rejeitam, pedem para trocar de profissional ou desconfiam de sua identidade sexual se agora, no gráfico 8, dizem que tanto eles como as professoras desempenham sua função de forma satisfatória?

Entendemos que os dados até agora apresentados reforçam a ideia da mulher como figura ideal ao exercício da docência. E o gráfico 8 mostra que 38% (somando os três primeiros itens) das professoras desta pesquisa acreditem que as professoras são mais delicadas, cuidadosas, divertidas, alegres, dinâmicas e mais afetivas, ao contrário do professor. Estas representações sociais e tantas outras parecem estar muito arraigadas entre as professoras, reforçando nossa impressão de que foi sendo introduzida no seu meio de convivência a “[...] crença que a professora possui um saber natural para lidar com crianças” (CATANI apud LELIS, 2003, p. 155).

A sociedade investiu na naturalização deste processo, tentando fazer crer que a atribuição do espaço doméstico à mulher é uma consequência de sua capacidade de ser mãe. De certa forma a escola ajudou a consagrar os tradicionais papéis femininos, contribuindo muito para a manutenção deste imaginário (DINIZ; VASCONCELOS; MIRANDA, 2004, p. 25).

**A feminização da docência na educação infantil da rede municipal de ensino de Imperatriz:
uma discussão panorâmica**
Jônata Ferreira de Moura

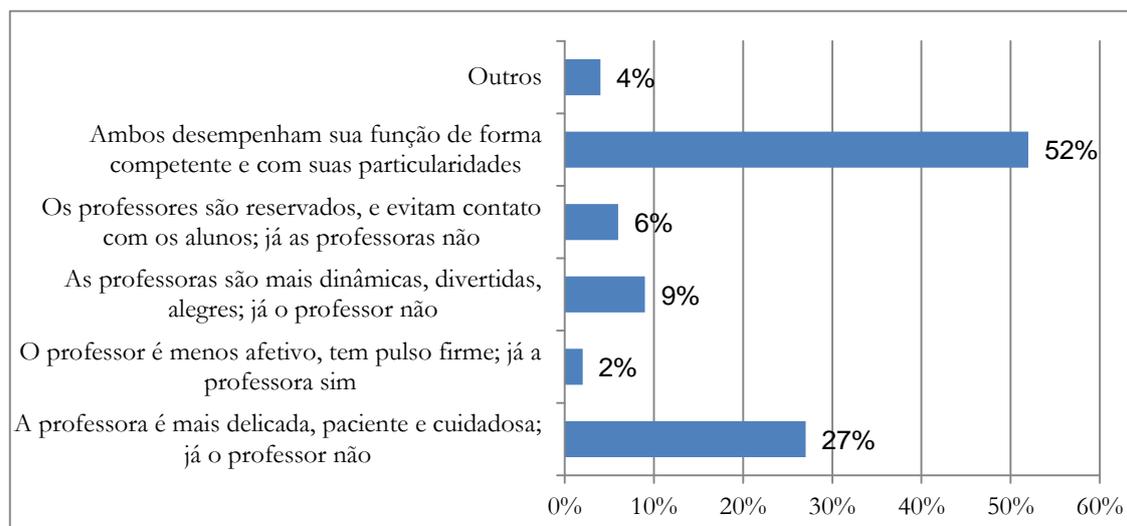


Figura 8 – Gráfico sobre as diferenças do professor para a professora na prática escolar da educação infantil. Fonte: Escolas Municipais de Imperatriz, 2012.

As representações que rondam o masculino e o feminino existem ao ponto de pressionar homens e mulheres a agirem em conformidade com a conduta considerada apropriada a ambos. Afeta às práticas escolares, pois coloca, querendo ou não, o homem e a mulher no formato de conduta adequado a cada sexo; por ter nascido com órgãos genitais masculinos deve ter atitudes socialmente aceitas para um homem e por ter nascido com órgãos genitais femininos deve ter condutas socialmente permitidas a uma mulher.

Nas salas infantis, segundo o imaginário popular, esses elementos que podemos visualizar no gráfico 8, caracteristicamente femininos, são essenciais ao exercício da docência na educação infantil, e por serem marcas femininas os homens são desprovidos destes; reforçando a visão estereotipada de masculinidade e podendo desqualificar o trabalho das professoras de educação infantil.

Contrário ao imaginário popular e às características consideradas socialmente femininas, comungo com Beauvoir (1980, p. 9), ao afirmar e defender que:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino.

Assim, não há marcas tipicamente masculinas ou femininas, mas sim, peculiaridades construídas socialmente para este ou aquele gênero, com a intenção de distanciá-los, desqualificando um em função do outro.

Quando nos referimos à educação de crianças pequenas sabemos que o cuidado, o carinho e o afeto são necessários, entretanto, esse modelo de professor/a baseado na

**A feminização da docência na educação infantil da rede municipal de ensino de Imperatriz:
uma discussão panorâmica**
Jônata Ferreira de Moura

afetividade, ao mesmo tempo não deve dispensar a intelectualidade, ou mesmo reduzir a atividade docente a um desempenho técnico e reprodutor, como já destacamos acima. Quando a afetividade envolve homens e criança pode surgir técnicas de autodisciplinamento e de autoexame, como revela Fonseca (2011, p. 49):

É esperado do profissional que atua nos anos iniciais carinho e paciência. É esperado, também, afeto e demonstrações dele. Porém, quando se tem a presença de um professor homem, surgem as técnicas de autodisciplinamento e de auto-exame. Espera-se da professora dos anos iniciais carinho e afeto, até mesmo carinho físico. Mas e dos professores homens dos anos iniciais? Estes acabam por se submeter a subterfúgios e formas de controle, se objetivando reduzir o contato físico.

Sendo assim, os poucos homens que estão inseridos no espaço escolar ainda passam por “n” provações, tendo de lidar, além dos problemas de sala de aula, com tantos outros de caráter normativo de um espaço que é visto como estranho a ele. Os desafios estão em transformar a presença masculina em uma presença natural, e não alienígena.

Por isso, ao passo que professoras/es são constituíd@s e se constituem de um conjunto de conhecimentos, ações e atitudes, ressaltamos que essa competência profissional se mostra na ação, ou seja, na maneira como @s profissionais enfrentam os desafios cotidianos e na forma como mobilizam os saberes necessários ao aprendizado d@s alun@s (BARREIRO; GEBRAN, 2006). Saberes estes que também são construídos no desenvolvimento da atividade docente.

Nóvoa (1991), fazendo uso da historiografia da educação, nos revela que a função docente se desenvolveu de forma subsidiária e não especializada, contudo ela foi se constituindo de um conjunto de normas e de valores próprios da atividade docente.

[...] os indivíduos que se consagravam ao ensino não o faziam senão como ocupação secundária ou acessória. Este estado de coisas vai mudar radicalmente no curso dos três séculos da época moderna, sob a ação, entre outras, das congregações religiosas. Os jesuítas e os oratorianos, por exemplo, tornam-se congregações docentes e realizam um trabalho de definição de um *corpo de saberes* e de *savoir-faire* e de um *conjunto de normas e de valores* próprios da atividade docente (NÓVOA, 1991, p. 119, grifos no original).

E hoje, qual é o papel d@ docente? Quais são as expectativas que as pessoas depositam n@s docentes da educação infantil? Esta foi à última pergunta que nossas entrevistadas responderam no questionário.

**A feminização da docência na educação infantil da rede municipal de ensino de Imperatriz:
uma discussão panorâmica**
Jônata Ferreira de Moura

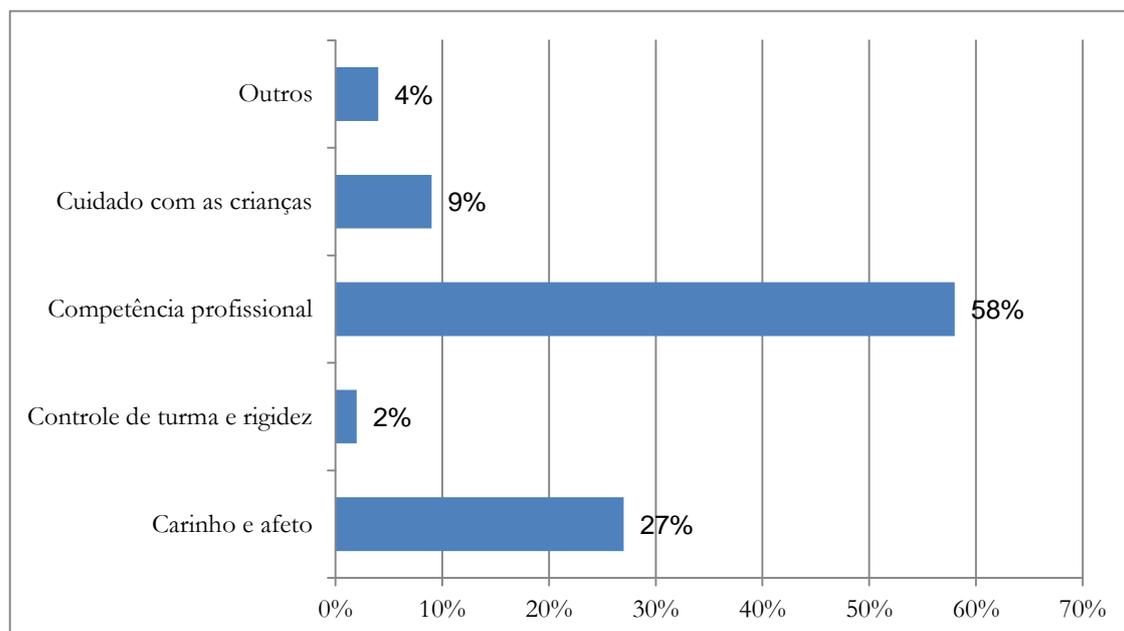


Figura 9 – Gráfico sobre o que se espera de uma docente de educação infantil.
Fonte: Escolas municipais de Imperatriz, 2012.

Diante do exposto, um percentual de 58% das informantes afirma que a competência profissional é o que se espera de um professor/a de educação infantil; e se ela sozinha não basta, outras 27% afirmam que o carinho e afeto não podem ser desvinculados desta etapa de ensino; e 9% delas declaram que o cuidado não pode estar de fora.

Vemos mais uma vez um elemento que pode sinalizar para outra concepção de profissional de educação infantil; mas também pode ser instrumento que vela a descoberta do processo de feminização da docência na educação infantil. Os 58% apresentados no gráfico revelam uma perspectiva de mulheres competentes para atuar na educação infantil, ou isso vale para ambos os sexos? Ou ainda, competência profissional, para elas, seria ter os atributos que apontam no gráfico 3?

São muitas as dúvidas que rondam o tema discutido neste trabalho, haja vista que ele é um fenômeno complexo e não linear. Por isso, torna-se necessária uma reflexão crítica acerca dos mitos que cercam a profissão docente, discussão que a nosso ver necessita ser ampliada nos cursos de formação docente.

CONCLUSÃO

Durante todo o trabalho pudemos perceber que o termo gênero acentua o processo histórico e social da construção do feminino e do masculino em oposição ao determinismo biológico utilizado como base para a dicotomia e a polarização entre Mulher e Homem.

**A feminização da docência na educação infantil da rede municipal de ensino de Imperatriz:
uma discussão panorâmica**
Jônata Ferreira de Moura

Isso porque entendemos que as construções humanas quando desfavorecem um grupo, etnia, uma classe social ou um dos gêneros, elas podem ser desconstruídas e revistas, pois somos seres políticos e inseridos num contexto histórico e cultural. Desse modo, pensar sobre os elementos que favorecem a feminização da docência na educação infantil da rede municipal de Imperatriz/MA é importante para formação docente dos profissionais da referida rede.

Na presente pesquisa, o corpo docente que compõe as escolas da educação infantil de Imperatriz é majoritariamente feminino. Fenômeno que foi se constituindo a partir de critérios que são reforçados pelas próprias professoras de educação infantil e também, segundo elas mesmas, pelos pais e mães das crianças, uma vez que pensam que somente as mulheres têm as características necessárias para atuar nessa etapa da educação básica.

Nesta pesquisa, ficou claro, segundo as entrevistadas, que o distanciamento dos homens se dá pelo motivo deles considerarem a profissão – professor/a de educação infantil – como feminina, e também porque não traz ou favorece o *status* esperado. Historicamente, a profissão é vista como sendo do gênero feminino, assim não agrada ou mesmo não satisfaz aos anseios do público masculino. E ainda, professores homens causam um estranhamento; a escola e as professoras dizem aceitar a presença de professores homens, mas na prática ainda há forte rejeição.

Não foi objeto de investigação nesta pesquisa os auxiliares de magistério do gênero masculino, porém desconfiamos se esta categoria profissional não vem sofrendo rejeição no espaço escolar. Ainda não nos debruçamos a investigar o impacto desses profissionais na educação infantil em Imperatriz e qual o verdadeiro trabalho que eles exercem. Contudo indagamos: as mesmas desconfianças e crenças que nesta pesquisa os professores homens recebem se estende aos auxiliares de magistério?

Outro dado pertinente foi a realização de concurso público (edital nº. 001, de 24/02/2012) para provimentos de cargos no município, no qual havia vagas para professores/as da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental e ainda para auxiliares de magistério. @s aprovad@s tomaram posse no decorrer dos anos de 2013 a 2016, dentre muit@s há homens assumindo a docência e outros o cargo de auxiliares de magistério, por isso surgem algumas questões: como está composto o atual quadro de funcionários das escolas de educação infantil, tomando como referência o gênero? Qual o impacto que os professores e os auxiliares de magistério homens vêm proporcionando na educação infantil? A concepção de docência feminina na educação infantil ainda é forte ou esse pensamento vem sendo desconstruído?

A feminização da docência na educação infantil da rede municipal de ensino de Imperatriz: uma discussão panorâmica
Jônata Ferreira de Moura

Temos consciência que as discussões aqui levantadas não são conclusivas e carecem de maior debate para ampliar a pesquisa no campo do gênero e da profissão docente; por isso faz-se necessário realizar mais e mais pesquisas para entender outros fenômenos que perpassem as relações de gênero na profissão docente.

REFERÊNCIAS

ABREU, Jânio Jorge Vieira de. **Educação e gênero: homens no magistério de Teresina (1960 a 2000)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2003.

BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda Abou. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. São Paulo: Avercamp, 2006.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

CARDOSO, Frederico Assis. Homens fora de lugar? A identidade de professores homens na docência com crianças. In: ANPED: 30 anos de pesquisa e compromisso social, 2007, Caxambu. **Anais...** Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação/ANPED, 2007. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT23-3041--Int.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2012.

CHAMON, Magda. **Trajetória da feminização do magistério: ambiguidades e conflitos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO. Pesquisa Retrato da Escola 3. **A realidade sem retoques da Educação no Brasil**. Brasília, v. 03, abr. 2003. Disponível em: <http://www.cnte.org.br/images/pdf/pesquisa_retrato_da_escola_3.pdf>. Acesso em: 11 set. 2011.

DEIFELT, Wanda. O corpo e o cosmo. In: TIBURI, Marcia; MENEZES, Magali M. de; EGGERT, Edla. **As mulheres e a filosofia**. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2002. p. 255-270.

DINIZ, Margareth; VASCONCELOS, Renata Nunes; MIRANDA, Shirley Aparecida. O que produz o silenciamento das mulheres no magistério? In: DINIZ, Margareth; VASCONCELOS, Renata Nunes. **Pluralidade cultural e inclusão na formação de professoras e professores: gênero, sexualidade, raça, educação especial, educação indígena, educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Formato, 2004. p. 22-46.

FÁVERO, Maria Helena. **Psicologia do gênero: psicobiografia, sociocultura e transformações**. Curitiba: UFPR, 2010.

FERREIRA, José Luiz. **Homens ensinando crianças: continuidade-descontinuidade das relações de gênero na escola rural**. 155 f. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Disponível em:

A feminização da docência na educação infantil da rede municipal de ensino de Imperatriz:
uma discussão panorâmica
Jônata Ferreira de Moura

<http://www.ded.ufla.br/generoesexualidade-ei/imagens/homens_ensinando-criancas.pdf> Acesso em: 25 nov. 2012.

FERNANDES, Elisângela. Ideias que jogam contra o ensino. **Revista Nova Escola**, São Paulo, n. 240, p. 36-38, mar. 2011.

FONSECA, Thomaz Spartacus Martins. **Quem é o professor homem dos anos iniciais?**. Discursos, representações e relações de gênero. 141 f. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. Disponível em: <http://www.ufjf.br/ppge/files/2011/07/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Thomaz_Spartacus.pd>. Acesso em: 10 out. 2012.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

INEP/MEC. **Estudo exploratório sobre o professor brasileiro com base nos resultados do Censo Escolar da Educação Básica 2007**. Brasília: INEP/MEC, 2009. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/estudoprofessor.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

LELIS, Isabel Alice O. M. Magistério primário: tempos e espaços de formação. In: CANDAU, Vera Maria. **Magistério: construção cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 126-159.

LOURO, Guacira L. Gênero e magistério: identidade, história, representações. In: CATANI, Denice Barbara et al. **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação**. 4. ed. São Paulo: Escrituras, 2003. p. 77-84.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

NOVAES, Maria Eliana. **Professora primária mestra ou tia**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

NÓVOA, António. Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. **Teoria e Educação**, São Paulo, n. 4, p. 109-139, 1991.

RABELO, Amanda Oliveira; MARTINS, António Maria. A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do Magistério. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: percursos e desafios da pesquisa e do ensino de história da educação, 6., 2006, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: FACED/UFU, 2006. Disponível em: <<http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/556AmandaO.Rabelo.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2013.

RABELO, Amanda Oliveira. **A figura masculina na docência do ensino primário: um corpo estranho no cotidiano das escolas públicas primárias do Rio de Janeiro-Brasil e Aveiro-Portugal**. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Departamento de Ciências da Educação da Universidade de Aveiro, Aveiro, 2008. Disponível em: <<http://biblioteca.sinbad.ua.pt/teses/2009001219>>. Acesso em: 30 jul. 2012.

A feminização da docência na educação infantil da rede municipal de ensino de Imperatriz: uma discussão panorâmica
Jônata Ferreira de Moura

RAMOS, Joaquim. As famílias e a presença de homens na docência de crianças pequenas. **Revista Pátio**, n. 30, p. 31-36, jan./mar. 2012.

RODRIGUES, Milton Müller. **Gênero masculino e ensino fundamental: vivência e significação de professores**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

SANTOS, Elisângela Martins dos; ALLAIN, Luciana Resende. Ser professora: escolha, vocação ou falta de opção? **Revista Extra-Classe**, n. 2, v. 2, jul./dez. 2009, p. 106-127, Disponível em: <<http://www.sinprominas.org.br/imagensDin/arquivos/758.pdf>>. Acesso em: 29 jan. 2013.

SAYÃO, Thomé Débora. **Relações de gênero e trabalho docente na Educação Infantil: um estudo a partir de professores na creche**. Tese (Doutorado em Educação) – Núcleo de Pesquisas da Educação de 0 a 6, Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/DEBORATSE.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2011.

SOUZA, Érica Renata de. No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 17-18, p. 379-387, 2002.

VALLE, Ione Ribeiro. Da “identidade vocacional” à “identidade profissional”: a constituição de um corpo docente unificado. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 20, n. especial, p. 209-230, jul./dez. 2002.

VIANNA, Cláudia Pereira. O sexo e o gênero da docência. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 17-18, p. 81-103, 2002.

VITELLI, Celso. **Jovens universitários e discursos sobre masculinidades contemporâneas**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/13282/000642691.pdf?sequence=1>>. Acesso em 12 maio 2012.

ZIBETTI, Marli Lúcia Tonatto. O que pensam professoras de educação infantil sobre a feminização da profissão docente?. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED. ANPED: 30 ANOS DE PESQUISA E COMPROMISSO SOCIAL, 30., 2007, Caxambu. **Anais...** Caxambu/MG: ANPED, 2007, p. 01-15. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT23-3041--Int.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2012.

Recebido para avaliação em 29/02/2016
Aceito para publicação em 09/04/2016